



CAFÉ COM SUSTENTABILIDADE

Agosto 2017 | Ano 10 | Edição 52

TRANSPARÊNCIA DE INFORMAÇÕES RELACIONADAS ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: RECOMENDAÇÕES DO FINANCIAL STABILITY BOARD

SUMÁRIO

03 Apresentação

04 Setor financeiro e mercado

07 O engajamento da B3 e da CVM

10 Expertise em regulação

12 Matéria prima para a tomada de decisão

14 As recomendações

16 Ênfase nos riscos

18 Avanço sem precedentes

22 Conclusões

CRÉDITOS

Coordenação

Mário Sérgio Vasconcelos
Diretor de Relações Institucionais

Redação

Andrea Viali
Jornalista | MtB 29.798

Projeto gráfico

Agência Mantra

Fotografias

Cibele Barreto

COMPROMISSO COM UM CAMINHO DE DESENVOLVIMENTO

Em 2017, o Café com Sustentabilidade da FEBRABAN completou uma década de existência. Desde que a agenda da sustentabilidade passou a ser discutida intensamente pela organização, já reunimos mais de 2.750 pessoas e 165 palestrantes de uma lista extensa e importante de assuntos: cenários para finanças sustentáveis; métodos de avaliação de projetos sociais, projetos de eficiência energética, riscos ambientais, mudanças climáticas, entre outros.

O evento tem sido uma oportunidade para aprofundarmos nosso conhecimento sobre temas que estão cada vez mais na ordem do dia, refletindo as demandas da sociedade. De lá para cá, outras questões ganharam peso: a aplicação do Código Florestal, a Política Nacional de Resíduos Sólidos, como financiar a recomposição florestal; e, por fim, a Resolução 4.327, editada em 2014 pelo Banco Central do Brasil, um marco para a regulação do tema não só no Brasil, mas no mundo todo. Ela estabeleceu diretrizes para as Políticas de Responsabilidade Socioambiental das instituições financeiras, corroborando a posição de vanguarda do setor bancário brasileiro em relação ao tema.

Agora, estamos trabalhando na implantação

das recomendações da força-tarefa do Financial Stability Board para a divulgação de informações financeiras relacionadas às mudanças climáticas. Esse trabalho, que envolveu 32 participantes de todos os continentes, resultou em um conjunto de orientações para que as empresas obedeçam a um padrão comum para identificar, avaliar os impactos e divulgar, de forma transparente, os riscos ligados às mudanças climáticas e temas ambientais. A iniciativa, apresentada durante o nosso 52º Café com Sustentabilidade, também ajudará as instituições financeiras e empresas a olhar para as oportunidades que advém da transição para a economia de baixo carbono.

Estamos engajados nessa frente de desenvolvimento sustentável e comprometidos a atuar com outros setores da economia na construção de um modelo que preserve nosso futuro, e isso requer preservar o meio ambiente. O futuro depende das ações que já aconteceram ontem, mas também das decisões de hoje.



Murilo Portugal

Presidente da FEBRABAN

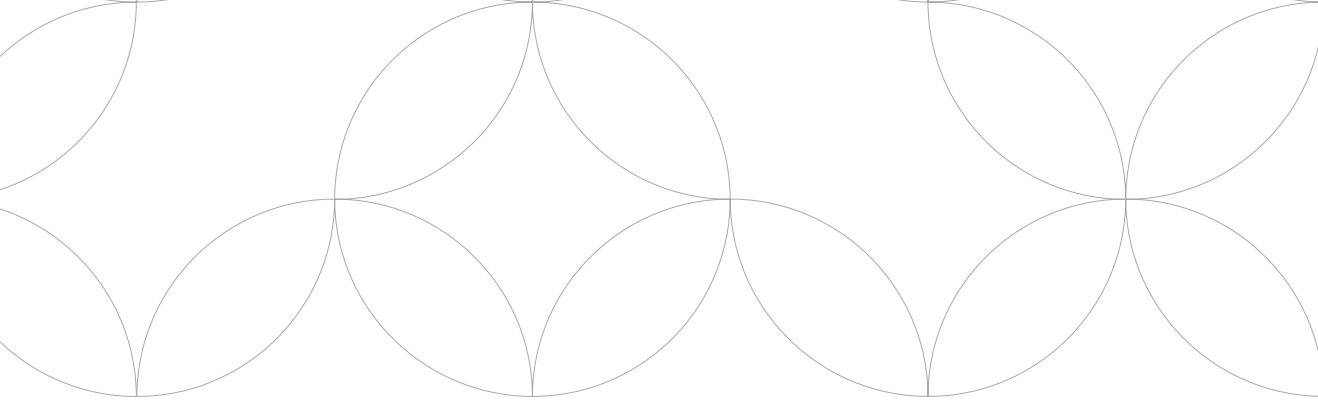


Murilo Portugal

SETOR FINANCEIRO E MERCADO: UNIDOS PELA TRANSPARÊNCIA

*Evento comemorativo dos 10 anos
do Café com Sustentabilidade
FEBRABAN[®] apresentou as
recomendações do FSB sobre
mudanças climáticas*

O aumento dos eventos climáticos extremos tem levado os formuladores de políticas públicas a olhar para as questões ambientais e estimular o disclosure de empresas e instituições financeiras em relação a esses dados. As informações de caráter climático e ambiental das empresas passam a ser vistas como estratégicas e ligadas a riscos. Como parte desse movimento, o Financial Stability Board (FSB), organismo composto pelos presidentes de Bancos Centrais e Ministros da área econômica dos países do G20, que monitora e faz recomendações ao sistema financeiro global, criou, no final de 2015, uma força-tarefa com o setor privado para formular um conjunto de orientações para empresas e instituições sobre como dar disclosure às informações de caráter ambiental, especialmente em relação às mudanças climáticas. Esse grupo, multidisciplinar e multinacional, foi formado



por 32 membros de todos os continentes, incluindo investidores, bancos, agências de classificação de risco, empresas contábeis e de auditoria e empresas do setor não financeiro.

Os resultados desse intenso trabalho puderam ser conferidos na 52ª edição do Café com Sustentabilidade da FEBRABAN, realizado no dia 15 de agosto de 2017, no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo. Além da apresentação das recomendações, o evento trouxe um debate sobre como elas podem contribuir para acelerar a transição para a economia de baixo carbono.

O presidente da FEBRABAN, Murilo Portugal, fez a abertura do evento e destacou os principais avanços da agenda de sustentabilidade nas instituições financeiras desde a Declaração de Collevocchio, em 2003, passando pelos Princípios do Equador e os temas tratados ao longo dos 10 anos de debates do Café com Sustentabilidade.

Portugal ressaltou que a responsabilidade que os bancos têm em relação às questões socioambientais é proporcional à sua importância para a economia. “Com uma carteira de R\$ 2 trilhões, são essas instituições que fornecem financiamentos para que pessoas e empresas possam antecipar suas decisões de consumo e seus planos de investimento”, afirmou o presidente da FEBRABAN. A produção se apoia no trabalho dos bancos, que sinalizam oportunidades e riscos para os agentes econômicos e fomentam as condições adequadas para o bom funcionamento da atividade econômica no país.

Brasil passou por período de recessão que trouxe atribulações às famílias e empresas, mas o setor financeiro não foi um fator adicional de instabilidade nesse período, como se viu em outros países – foi um amortecedor da crise

Portugal destacou ainda números comprovando que a economia brasileira está vivendo uma retomada, com melhoria nos indicadores como atividade econômica, nível de emprego e crédito, a despeito do período ainda difícil que o país atravessa. “A atividade agropecuária permitiu que o PIB crescesse 1% no primeiro trimestre, e tivemos sinais de crescimento em outros setores, inclusive no setor industrial, com dois trimestres consecutivos de crescimento, o que não acontecia desde 2013”, ressaltou o presidente da FEBRABAN. Os resultados recordistas no comércio exterior também trazem alento: o superávit na balança comercial acumulado em 2017 até agosto é o maior da série histórica, iniciada em 1998, chegando a US\$ 48,1 bilhões.

Além da queda da inflação e da retomada do crédito, a estabilização da taxa de desemprego foi outro ponto positivo destacado por Portugal: segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego, houve a criação de 163,4 mil empregos formais nos oito primeiros meses do ano (35,5 mil só em agosto), ante 1,32 milhão de postos de trabalho perdidos em 2016. “O nosso setor passou não apenas por um teste de estresse, mas por um estresse real muito forte. Saímos desse período confirmando a solidez e a segurança do setor bancário,

mostrando que é bem capitalizado, bem provisionado e líquido”, afirmou. Segundo ele, o Brasil atravessou um período de recessão que trouxe muitas atribuições às famílias e às empresas, mas o setor financeiro não foi um fator adicional de instabilidade nesse período, como se viu em outros países. “Ao contrário, aqui os bancos serviram como um amortecedor da crise”.

O presidente da FEBRABAN destacou ainda que o Brasil está em um processo progressivo de recuperação da estabilidade econômica, que exige a responsabilidade de todos – setor financeiro, empresarial e dos agentes políticos, e ressaltou a importância das reformas, fundamentais para o equilíbrio fiscal e para aumentar eficiência da economia. Portugal concluiu afirmando que, nos 50 anos de atuação da FEBRABAN, o Brasil assistiu a uma evolução do setor bancário, que não só sobreviveu a desafios sucessivos, mas foi capaz de aprender e aperfeiçoar sua estrutura, de aumentar a qualidade das decisões e dos serviços prestados à população. “É uma história longa de superação e consolidação, sem deixar de cuidar do desenvolvimento sustentável e de suas tarefas nas quais hoje estamos engajados”, afirmou.

O ENGAJAMENTO DA B3 E DA CVM



Gilson Finkelsztain

As recomendações da força-tarefa do FSB e sua importância para disseminação das informações relacionadas a mudanças climáticas foi um dos destaques da palestra de Gilson Finkelsztain, presidente da B3 – Brasil, Bolsa, Balcão. Ele é um dos signatários da Carta de Apoio à força-tarefa, um compromisso voluntário de empresas e instituições, capitaneado pelo ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, para buscar engajamento para o tema. “Assinar essa carta foi uma decisão natural: a agenda de sustentabilidade é estratégica para nós e trabalhamos para estimular sua adesão junto aos nossos stakeholders;

especialmente investidores, analistas e empresas listadas”, afirmou Finkelsztain. Segundo ele, a sustentabilidade não é vista pela bolsa como uma temática acessória: como o próprio trabalho da força-tarefa demonstrou, as questões sociais, ambientais e de governança são intrínsecas ao negócio. “Estamos falando de riscos e oportunidades que ainda não são tão óbvios e comprováveis, muitas vezes não são fáceis de mensurar como os riscos ligados à agenda econômica, mas estamos caminhando nessa direção”, disse.

A B3 tem um compromisso histórico com essa agenda – foi a primeira bolsa do

mundo a aderir ao Pacto Global (2004); a primeira de mercados emergentes a se tornar signatária dos Princípios para o Investimento Responsável da ONU (2010); um dos cinco signatários fundadores da iniciativa Sustainable Stock Exchange, também da ONU (2012); em 2016, a bolsa brasileira recebeu o reconhecimento das Nações Unidas como um dos dez pioneiros do mundo na promoção dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) e também foi a primeira bolsa das Américas a aderir aos princípios de empoderamento das mulheres. Finkelsztain destacou ainda o papel da B3 em estimular as demais bolsas do mundo nesse caminho: foi a quarta bolsa no mundo a lançar um índice de sustentabilidade, o ISE, em 2005; depois veio o Índice Carbono Eficiente, o programa de Relate ou Explique para relatórios de sustentabilidade e os guias de sustentabilidade para empresas listadas e fechadas.

A sustentabilidade não é vista pela bolsa como uma temática acessória: as questões sociais, ambientais e de governança são intrínsecas aos negócios

Em primeira mão, o presidente da B3 compartilhou a informação sobre o lançamento do movimento de sustentabilidade no setor de intermediação, no contexto do Laboratório de Inovação Financeira, que acaba de ser lançado pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Associação Brasileira de Desenvolvimento (ABDE) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). “Temos o grande desafio de mudar a lógica do mercado, incorporar a agenda socioambiental às políticas, práticas e estratégias de nossas empresas. Este não é um movimento intuitivo, tampouco fácil, mas necessário e irreversível”, afirmou.

O Laboratório de Inovação Financeira também foi o tema da palestra de José Alexandre Cavalcanti Vasco, superintendente de Proteção e Orientação aos Investidores da CVM, que apresentou o LAB, como tem sido chamado. Trata-se de uma iniciativa pioneira, que tem entre os objetivos fomentar o debate e a criação de ferramentas financeiras que permitam o avanço do desenvolvimento sustentável no país. O LAB foi concebido como um fórum de discussão intersetorial, com a presença de instituições financeiras de desenvolvimento, intermediários financeiros privados, investidores, especialistas, reguladores

e representantes de setores chave da economia. “O LAB quer entregar soluções que resultem em instrumentos financeiros que visam a ajudar o mercado de capitais a se desenvolver”, afirmou Vasco.

O LAB atuará por meio da criação de três grupos de trabalho, coordenados pela CVM e ABDE (Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento), em três principais frentes. A primeira será sobre títulos verdes (green bonds), com o objetivo de fomentar um mercado nacional de títulos verdes e outros possíveis instrumentos que possam estimular emissões desses papéis e alinhar o mercado local com as melhores práticas internacionais. Outro grupo tratará de finanças verdes, com o propósito de construir um diálogo com as instituições que compõem o Sistema Nacional de Fomento (SNF) para criar, avaliar e testar inovações financeiras que deem suporte ao desenvolvimento sustentável, especialmente em setores

O LAB atuará em três frentes, com os objetivos de fomentar um mercado nacional de green bonds e identificar oportunidades no mercado de capitais para ampliar a oferta de investimentos de impacto

potencialmente verdes, como energia, transporte, agricultura e água.

Já o terceiro grupo de instrumentos financeiros e investimentos de impacto, com a proposta de identificar oportunidades no mercado de capitais para ampliar a oferta de investimentos para negócios que promovam os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas. “Vamos avaliar alternativas para emissão de social bonds no Brasil, uma discussão que está sendo aprimorada e tem grande potencial”, afirmou Vasco. O grupo também considerará os resultados das iniciativas desenvolvidas até o momento, incluindo os trabalhos da Força-Tarefa Brasileira de Finanças Sociais (FTFS), avaliando possíveis sinergias com os mecanismos do Sistema Nacional de Fomento.

A photograph of José Alexandre C. Vasco, a man in a suit and tie, speaking at a podium with a microphone. He is holding a blue folder or book. The background is dark with some greenery visible on the right.

José Alexandre C. Vasco



Otávio Damaso

EXPERTISE EM REGULAÇÃO

O diretor do Banco Central do Brasil, Otávio Ribeiro Damaso, destacou a importância que a agenda socioambiental está ganhando em termos de regulação, tanto no Brasil quanto internacionalmente. “No âmbito do sistema financeiro internacional, tem havido um amplo debate em relação à sustentabilidade. Tanto sobre como financiar, como também sobre como tornar mais transparente as informações relacionadas e como identificar os riscos”, afirmou Damaso. O diretor do BC apresentou quatro iniciativas internacionais sobre o tema, com envolvimento dos reguladores financeiros e nas quais o Brasil está representado pelo Banco Central: o Green Finance Study Group, do G20, cujo objetivo é identificar o

status do financiamento verde no mundo; o Sustainable Banking Network, uma rede de reguladores internacionais e de associações de bancos com apoio do IFC com o propósito de disseminar práticas, construir conhecimento e promover o diálogo global no contexto da promoção do desenvolvimento sustentável e das mudanças climáticas; a Inquiry: Design of a Sustainable Financial System, que é um knowledge sharing do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP), com a proposta de identificar, difundir e promover melhores práticas e inovações regulatórias; e a força-tarefa do FSB, cujas recomendações foram apresentadas durante o 52º Café com Sustentabilidade FEBRABAN.

O risco ambiental tem relação estreita com a estabilidade financeira, por isso a Resolução 4.327 do BC é considerada um dos primeiros marcos regulatórios socioambientais na indústria financeira em todo o mundo

O risco socioambiental tem uma relação muito estreita, principalmente nos dias de hoje, com estabilidade financeira – sendo esta uma missão do Banco Central do Brasil. É neste contexto que a Resolução 4.327, um dos primeiros marcos regulatórios para o socioambiental na indústria financeira no mundo, foi tão importante, pois trata do tema sustentabilidade pelo prisma do gerenciamento de risco. “A Resolução 4.327 ajudou as instituições financeiras a reconhecer os riscos dessa natureza e a orientar seus negócios na relação com funcionários, clientes e demais stakeholders”, afirmou Damaso. O primeiro fruto que a regulação trouxe foi uma maior conscientização do sistema financeiro quanto aos riscos

socioambientais. Um exemplo é a crise hídrica que acometeu a região metropolitana de São Paulo entre 2014 e 2015, que movimentou um amplo debate no BC e sistema financeiro sobre os impactos sistêmicos que o estresse hídrico poderia trazer para a indústria financeira, visto que a maioria das empresas

tem sede na capital paulista. Agora, a preocupação com as mudanças climáticas é um desafio adicional para o setor financeiro e securitário – tanto que as questões socioambientais agora fazem parte da rotina dos processos de supervisão do BC.

Endossando a fala de Murilo Portugal, presidente da FEBRABAN, Damaso concluiu sua palestra reforçando a solidez do sistema financeiro brasileiro durante o período de crise. “Passamos por um estresse real da economia e observamos, ao longo dos três últimos anos, que o sistema financeiro brasileiro foi um amortizador da crise. Ele atravessou esse processo sem um arranhão e contribuiu para a estabilidade da economia”, afirmou.

MATÉRIA PRIMA PARA A TOMADA DE DECISÃO

A força-tarefa para o disclosure de informações financeiras sobre mudanças climáticas do FSB ganhou um aliado de peso para sua divulgação internacional: Michael Bloomberg, ex-prefeito de Nova York e fundador da Bloomberg, a agência de notícias que é referência em informações para o mercado financeiro. O empresário e político americano foi escolhido pelo FSB para ser o chairman da iniciativa e assina a Carta de Apoio à força-tarefa, já que sustentabilidade e temas ambientais são um dos pilares de sua atuação no ramo da filantropia.

A escolha faz sentido porque a informação com transparência é a matéria-prima para melhores decisões de investimento, e com as questões socioambientais não poderia ser diferente. “Quanto mais informações ESG [sigla em inglês para ambiental,

social e governança], melhores decisões de investimento serão tomadas. Isso vai gerar um ciclo em que os investidores vão exigir das empresas maior divulgação de dados”, afirmou Geraldo Coelho, diretor geral para Brasil e América Latina da Bloomberg. Nesse sentido, um dos desafios da força-tarefa é justamente a padronização das informações, já que cada país ou empresa acaba relatando seus dados ambientais de acordo com metodologias distintas.

De acordo com a agência, os dados ESG já são um balizador para investimentos – nos EUA, de cada US\$ 5 investidos pelos gestores de investimentos, US\$ 1 já é baseado em critérios de governança, ambientais e sociais. No mundo todo, existem 2.000 fundos cujos critérios de alocação dos recursos são 100% focados na análise ESG. A Bloomberg

possui um banco de dados ESG com informações de 10 mil empresas de 60 países e 200 analistas dedicados à análise de meio ambiente e energias renováveis. No Brasil, são 75 empresas que fornecem informações sobre o tema. Outro campo pujante são os títulos verdes: a Bloomberg contabiliza mais de 1.000 emissões feitas por empresas, governos, municípios e cujos recursos levantados estão sendo investidos em projetos e atividades voltados a meio ambiente e energia limpa. Em 2015, foram aproximadamente US\$ 35 bilhões em emissões; em 2016 o valor chegou a US\$ 70 bilhões e este ano, a expectativa é US\$ 130 bilhões sejam levantados por emissões de green bonds.

Nos EUA, de cada US\$ 5 investidos pelos gestores de investimentos, US\$ 1 já é baseado em critérios ambientais, sociais e de governança

Agora, a expectativa da agência de notícias é reunir empresas que assinem a Carta de Apoio à força-tarefa do FSB – no Brasil, as empresas B3, Natura, Bradesco, Fibria, Duratex, Vale e Braskem já se declararam adeptas da iniciativa – mas o objetivo é que a iniciativa tenha o poder de engajar mais de 500 companhias.



Geraldo Coelho

AS RECOMENDAÇÕES

Orientações trazem padrão para identificar e divulgar os riscos e oportunidades ligados às mudanças climáticas



O 52ª Café com Sustentabilidade da FEBRABAN divulgou, em primeira mão para o mercado brasileiro, as recomendações da força-tarefa do Financial Stability Board (FSB) para a divulgação de informações financeiras relacionadas às mudanças climáticas. O conjunto de orientações para que as empresas obedeçam a um padrão comum para identificar e divulgar, de forma transparente, os riscos e oportunidades ligados às mudanças climáticas e temas ambientais foi apresentado pela vice-chair da iniciativa, Denise Pavarina, que também é diretora executiva do Bradesco. Ela ressaltou o caráter de gestão de risco da iniciativa, que começou no final de 2015, após a assinatura do Acordo de Paris. “O papel da força-tarefa é incentivar todos

a pensar sobre os riscos financeiros advindos dos riscos climáticos. O FSB, preocupado com o risco sistêmico do setor financeiro por conta das mudanças climáticas, iniciou uma convocação ao setor privado para que criasse padrões de divulgação de informações de maneira voluntária”, explicou ela.

As recomendações devem ser adotadas por empresas financeiras (bancos, seguradoras, gestores de recursos e detentores de ativos, como fundos de pensão e de private equity), e empresas não financeiras, especialmente de setores intensivos em uso de recursos naturais, como energia, transportes, construção, agricultura, alimentos, produtos florestais, petróleo e gás, metalurgia

O processo de construção das recomendações da força-tarefa levou um ano e meio e mobilizou 32 participantes de todos os continentes, representando diferentes pontos de vista – investidores, bancos, auditorias e setor não financeiro

e químico. A força-tarefa do FSB reuniu 32 participantes de todos os continentes, incluindo investidores, bancos, agências de classificação de risco, empresas de auditoria e do setor não financeiro. O processo durou cerca de um ano e meio de trabalho e consultas públicas, até que o primeiro set de recomendações ficasse pronto, no final de junho de 2017. "O objetivo é assegurar que aqueles que financiam, investem e seguram as empresas possam avaliar melhor os riscos que correm e como se preparar para enfrenta-los, com base em informações padronizadas, transparentes, uniformes, comparáveis e consistentes ao longo do tempo", explicou a *vice chair*. A iniciativa também deve ajudar as instituições financeiras e empresas a

olhar para as oportunidades que advém da transição para a economia de baixo carbono. "Fala-se muito em riscos, mas naturalmente a transição para a economia de carbono também traz oportunidades", frisou Pavarina. Uma das possibilidades é a ampliação na emissão dos green bonds com o objetivo de financiar novas tecnologias verdes e fontes renováveis de energia, além do lançamento de produtos e serviços financeiros, tais como financiamentos acoplados a temas ambientais e climáticos.

"É uma questão de inclusão dos riscos climáticos nas decisões estratégicas, já que o sistema financeiro tem um papel indutor muito forte na economia", afirmou Pavarina. Segundo ela, existem exemplos de bancos e investidores institucionais no mundo todo que estão desistindo de financiar combustíveis fósseis como o carvão, o que é um sinal de que a transição para a economia de baixo carbono está "muito perto de acontecer", e trará mudanças profundas nos modelos de negócios.

ÊNFASE NOS RISCOS

O trabalho foi dividido em dois grandes grupos: indústria financeira e as empresas não financeiras, pois elas têm necessidades e objetivos distintos. Cada um dos grupos deve observar quatro pilares para dar suporte às informações: governança, estratégia, gestão de risco e métricas/alvos. Em uma próxima etapa, observou Pavarina, as empresas e bancos devem procurar elaborar análises de cenários de seus negócios frente às mudanças climáticas, com o objetivo de procurar entender como eles se comportarão em cenários de aquecimento global de 1,5°C a 2°C.



“Não podemos imaginar que as empresas só vão se ajustar daqui a dez anos, já esse ajuste tem que ser feito ao longo do tempo. Bancos e investidores não podem prescindir de incluir cenários nas avaliações”, afirmou a vice-chair da força tarefa.



Denise Pavarina apresentou as recomendações da força-tarefa do FSB sobre informações relacionadas às mudanças climáticas para uma plateia que lotou o auditório do Instituto Tomie Ohtake

Do lado das empresas, será interessante que elas se organizem setorialmente para gerar essas informações. “Uma empresa do ramo do agronegócio, por exemplo, poderá ter que mudar seu local de produção se não encontrar meios de garantia de água em períodos de secas frequentes. Se essa empresa não começar a se preparar agora, o impacto no longo prazo será maior”, exemplificou. A diretora acredita que ao final de cinco anos será possível fazer uma avaliação sobre como os setores estão se preparando para enfrentar as mudanças climáticas.

Segundo o guia do FSB, as instituições financeiras também devem ser transparentes ao informar seus riscos relacionados às mudanças climáticas, sejam físicos ou da transição presentes em suas carteiras de crédito e em outros negócios de intermediação financeira. O órgão sugere que os bancos considerem a inclusão desses riscos ambientais no contexto das categorias tradicionais de riscos do setor financeiro – de crédito, de mercado, de liquidez e operacional. Outra recomendação é que os bancos forneçam o montante e percentual dos ativos relacionados a carbono em relação ao total da carteira.



Jorge Soto

AVANÇO SEM PRECEDENTES

Empresas e bancos concordam: a transição para economia de baixo carbono já está acontecendo

Após a apresentação das recomendações da força-tarefa do FSB, seguiu-se um debate sobre as perspectivas de aplicação das normas voluntárias pelos bancos e empresas privadas. Sonia Favaretto, diretora de Imprensa, Sustentabilidade, Comunicação e Investimento Social da B3 e idealizadora do Café com Sustentabilidade quando ocupava o cargo de diretora setorial da Comissão de Responsabilidade Social e Sustentabilidade na FEBRABAN, conduziu as conversas com os especialistas Marcus Vinícius Barboza, superintendente de Riscos do Itaú Unibanco; Jorge Soto, diretor de Desenvolvimento Sustentável da Braskem e Rodolfo Nardez Sirol, diretor de

Sustentabilidade da CPFL Energia.

Segundo Sonia Favaretto, celebrar os dez anos do Café com Sustentabilidade FEBRABAN no mesmo evento em que são lançadas as recomendações da força-tarefa do FSB simboliza o quanto a sustentabilidade avançou na agenda do setor financeiro na última década. De lá para cá, o tema saiu da esfera das discussões sobre responsabilidade social corporativa e ganhou espaço em fóruns com o G20, o Fórum Econômico Mundial, as entidades reguladoras e o mercado de capitais.

O disclosure de informações sobre mudanças climáticas, que ganha o reforço e um padrão com as recomendações do



Sonia Favaretto



Marcus Vinícius
Barboza

Entre os benefícios das recomendações da força-tarefa do FSB, estão a transparência, a padronização e a clareza das informações relacionadas a mudanças climáticas

O Itaú Unibanco é um exemplo de grande banco brasileiro que já incorpora a questão socioambiental em seus negócios, tendo um time inteiro dedicado a avaliar o risco socioambiental em suas operações, entre as quais estão incorporados os riscos climáticos e de transição aos quais os setores econômicos estão expostos. Os grandes benefícios que as recomendações da força-tarefa vêm trazer são transparência, padronização e clareza a essas informações, na avaliação de Marcus Vinícius Barboza, superintendente de Riscos do Itaú Unibanco. “Como consumidores de informação, esses três pilares são importantes. As empresas podem e devem usar essa situação para mostrar ao mercado e aos investidores como estão se preparando”, destacou.

Questionado pela plateia se haveria um momento em que o portfólio de negócios das instituições financeiras seria completamente descarbonizado, Barboza afirmou que a completa retirada de investimentos das energias fósseis ainda é algo difícil de prever. No entanto, destacou que o conjunto de recomendações da força-tarefa será uma ferramenta adicional para avaliação da correta alocação de capital em empresas e operações, o que permitirá, por exemplo, a oferta adequada de financiamento para projetos que tenham entre seus objetivos a redução de emissões de gases do efeito estufa. Dessa forma, haverá uma efetiva

FSB, já vinha sendo considerado na escolha das empresas que compõem o Índice Carbono Eficiente da B3, além de receber um capítulo à parte no questionário do ISE e fazer parte também do movimento Relate ou Explique, iniciativa da bolsa para estimular as empresas listadas a darem maior disclosure sobre informações de caráter socioambiental e de governança. “Há dez anos, talvez nem pensássemos que o tema receberia tanto engajamento de atores importantes como o Banco Central, a FEBRABAN, a B3 e a Bloomberg. Agora, o grande objetivo é que a alta liderança das empresas comece a discutir esses assuntos de forma estratégica”, disse a diretora da B3.

contribuição do setor financeiro para uma transição para uma economia de baixo carbono.

A precificação de carbono foi outro tema que permeou o debate, sendo vista como inevitável pelos especialistas. Na avaliação de Jorge Soto, diretor de desenvolvimento sustentável da Braskem, a transição para uma economia menos baseada em matéria-prima fóssil passa pela disclosure das informações ambientais, mas também pela incorporação das externalidades negativas do uso de fósseis nos produtos e serviços. “Não apenas é preciso que os investidores coloquem recursos em empresas que estão investindo em renováveis, mas também que esses investimentos renováveis sejam mais viáveis do que os fósseis. Para que isso seja possível, é necessário que as externalidades das emissões sejam consideradas”, afirmou Soto.

A Braskem ocupa o posto de maior produtora de resinas termoplásticas das Américas. De acordo com Soto, será uma das empresas a aderir às recomendações da força-tarefa do FSB, mesmo já mostrando transparência das informações ambientais no âmbito dos relatórios de sustentabilidade (a empresa utiliza o padrão GRI – Global Reporting Initiative) e também presta informações ao Carbon Disclosure Project – CDP). Para

ele, o reporte e a transparência são peças fundamentais para o diálogo e adequada análise de risco e oportunidade. “A busca por uma referência global vai facilitar a vida do tomador de recurso e de quem oferece o recurso”, disse.

A empresa também faz análises de cenários sobre como as mudanças climáticas devem impactar os negócios, mas também pode trazer impactos positivos. Como a empresa atua no setor químico, um futuro sem energias fósseis impactaria diretamente no core business da companhia, já que as resinas são fabricadas a partir da nafta, um subproduto do petróleo. “Se imaginarmos uma sociedade carbono neutro, ainda na segunda metade desse século, tudo vai mudar. Quem desenvolver soluções para isso terá muitas oportunidades”, reiterou. De olho nesse potencial, a Braskem hoje é a maior produtora mundial de biopolímeros derivados da cana de açúcar.

Os riscos aos negócios advindos das mudanças climáticas foi o tema abordado pelo diretor de sustentabilidade da CPFL Energia, Rodolfo Nardez Sirol, que também participou do debate. O Brasil precisa estar atento aos riscos físicos, que são os efeitos que a elevação de 2°C das temperaturas pode proporcionar aos negócios e justamente onde as métricas de avaliação

são difíceis; os riscos regulatórios, que trarão regulações e normas atreladas às mudanças climáticas (e onde a precificação do carbono se encaixa); e o risco ligado ao mercado consumidor, em um cenário em que empresas intensivas em carbono seriam penalizadas por essa postura.



Rodolfo Nardez Sirol

As recomendações podem ajudar a impulsionar a competitividade dos negócios do Brasil, caso outros países coloquem restrições sobre produtos importados com base na pegada de carbono

Para Sirol, é nítido que o Brasil, mesmo com uma matriz baseada em energia renovável, está perdendo protagonismo em relação à precificação de carbono, inclusive na América Latina. Falta, por exemplo, viabilizar programas de eficiência energética em empresas de pequeno, médio e grande porte, e uma das soluções para isso poderia ser a emissão de green bonds. Na avaliação do diretor de sustentabilidade, quanto maior o engajamento do setor financeiro, mais acelerada será a transição para a economia de baixo carbono. “Se isso é um jogo, o dono

da bola é o mercado financeiro. Dá para colocar regra sim”, afirmou. Segundo ele, já existem vários padrões a serem considerados pelas instituições financeiras – os dados ESG das empresas, as informações do CDP e a carteira do ISE, por exemplo – e as empresas mais comprometidas com a redução nas emissões poderiam ter vantagens, como um spread menor nas condições de financiamento.

As próprias recomendações da força-tarefa do FSB podem ajudar a impulsionar a competitividade dos negócios do Brasil caso os países coloquem restrições sobre produtos com base na pegada de carbono. “O país poderia se transformar num grande exportador de produtos com baixa intensidade de carbono, mas para isso precisamos usar as orientações da força-tarefa para desbloquear e acelerar essa transição. A regulação virá, a mudança do clima virá, e o mercado também virá. Já não é risco, é fato”, afirmou.

CONCLUSÕES

HOMENAGENS E UM CHAMADO AO ENGAJAMENTO

O encerramento da 52ª edição do Café com Sustentabilidade FEBRABAN foi marcado por homenagens a pessoas que idealizaram, apoiaram e contribuíram para que o evento chegasse à sua primeira década como um fórum qualificado de discussão sobre temas socioambientais. O presidente da FEBRABAN, Murilo Portugal fez a entrega do presente, uma bandeja elaborada com cápsulas recicladas de café expresso, aos homenageados: Cida Bento do CEERT – Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, que promoveu um trabalho pioneiro com o setor bancário na valorização da diversidade; Mário Monzoni, professor e coordenador do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas..(GVCes), que elabora os estudos técnicos com a FEBRABAN; Sérgio Odilon, que foi chefe do departamento de regulação do sistema financeiro do Banco Central e coordenador da Resolução 4.327; Sonia Favaretto, idealizadora do Café com Sustentabilidade em 2007 Fabio Barbosa, presidente da FEBRABAN

entre 2007 e 2011 e um dos principais líderes nacionais em sustentabilidade. Mário Sérgio Vasconcelos, diretor de Relações Institucionais da FEBRABAN, destacou ainda o trabalho da equipe que coordena o Café com Sustentabilidade, entre elas Alessandra Panza, e agradeceu à plateia pelas contribuições ao longo dos últimos dez anos. Ao final do evento, foi distribuída aos participantes a publicação comemorativa “Café com Sustentabilidade; 10 Anos de História 2007-2017”, que traz a trajetória dos Cafés em detalhes e depoimentos, disponível no endereço www.cafecomsustentabilidade.com.br

Segundo o diretor da FEBRABAN, a força-tarefa do FSB e suas recomendações são um tema que chama à ação prática. “Mais do que acreditar que isso é importante, temos de entender que essa é, de fato, uma oportunidade para nós, enquanto país, nos destacarmos positivamente e assumirmos algum tipo de liderança na economia mundial”, afirmou Vasconcelos, convidando os bancos e outras organizações parceiras a participarem desse esforço de adaptação às recomendações. “São passos importantes que serão dados coletivamente. Os desafios estão postos: vamos nos juntar e trabalhar com transparência e com ética para que possamos construir desde já um presente melhor, não só um futuro melhor”, concluiu.





Mário Monzoni



Alessandra Panza



Fabio Barbosa



Cida Bento



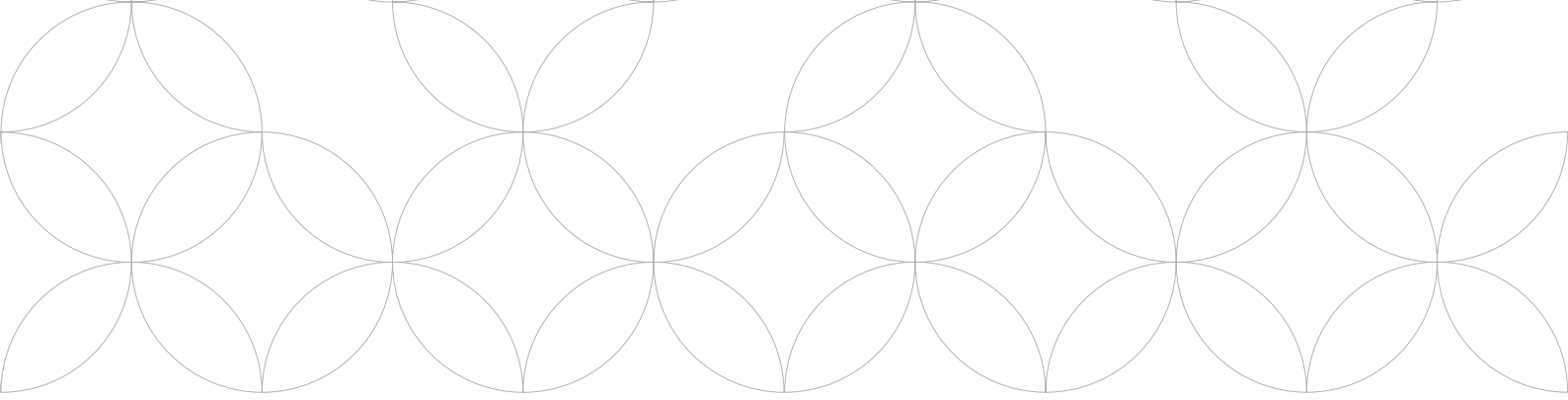
Sonia Favaretto



Sérgio Odilon



Bandeja com cápsulas recicladas de café expresso e publicação comemorativa 'Café com Sustentabilidade' 10 anos de História.



FEBRABAN

Federação Brasileira de Bancos

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1485, 15º andar

CEP 01452-921 | São Paulo | SP

www.febraban.org.br

cafecom sustentabilidade.febraban.org.br

